

QUATRO OLHARES SOBRE A CIDADE



Ceilandenses apaixonados pelo lugar onde vivem fotografaram a paisagem que mais gostam

Bruno e Fábio nasceram em Ceilândia. Jurandir e Maria Gleibe elegeram a cidade há mais de década. Os quatro foram convidados a homenagear a cidade com fotografias que eles mesmo fizeram, tendo em mãos uma Minolta automática, numa tarde quente desta semana. Estavam tímidos,

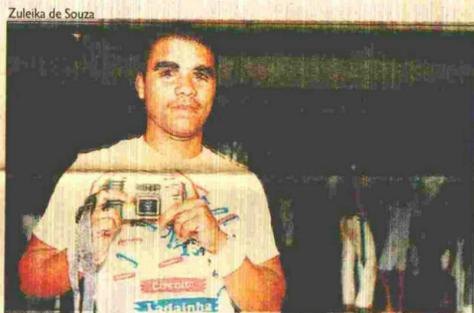
pareciam indecisos. Mas aos poucos se acostumaram à idéia de olhar a cidade através de uma lente fotográfica e puderam escolher o lugar que mais lhes agrada. Um jogo de capoeira na Fundação Ladainha, a caixa d'água desenhada por Oscar Niemeyer, uma parede pintada pelos rappers

e algumas das muitas crianças carentes da cidade - tudo virou foto. É Ceilândia, cidade que nasceu favela e hoje, aos 27 anos, acumula a história de seus 350 mil personagens, o desejo de pujança de quem nela vive e dos que por ela se sentem responsáveis.

(Produção: Nicolas Bonvakiades)



O estudante Bruno Alves da Silva, 16 anos, nasceu e foi criado em Ceilândia. Viu a cidade crescer e acredita que hoje em dia é um bom lugar para viver. É em Ceilândia que estuda, se diverte e tem amigos. Na prática da capoeira, na Fundação Ladainha e na street dance encontrou amigos e ocupação sadia para os seus dias.



"A CAPOEIRA PARA MIM TEM TUDO A VER COM A CIDADE. AQUI ENCONTREI AMIGOS E NESSE GRUPO TEM MUITAS CRIANÇAS QUE MESTRE GILVAN TIROU DAS RUAS. ESTÁ LIGADA À ORIGEM DO POVO NEGRO QUE TEM MUITO PESO EM CEILÂNDIA."

Bruno Alves da Silva



Há dois anos, Fábio Cardoso, 20 anos, trocou a pichação de paredes pela grafiteagem. "Ganho dinheiro com isso e ajudo minha mãe", afirma. Nascido em Ceilândia, viveu apenas seis meses fora. Tem orgulho de ver seu trabalho nos pontos de ônibus e muros de escolas da cidade. Desistiu de pichar motivado pelas brigas entre as turmas rivais e garante não sentir falta daquela época. O que era vandalismo converteu-se em arte. Para ele, o Quarentão, no centro de Ceilândia, tornou-se ponto de referência por abrigar a arte na cidade.



"O QUARENTÃO É UM LUGAR MUITO IMPORTANTE PARA OS ARTISTAS DE CEILÂNDIA. TEM TUDO A VER COM A CIDADE, É UM SÍMBOLO. DO MESMO JEITO QUE A CAIXA D'ÁGUA, TODO MUNDO SABE QUE É EM CEILÂNDIA E ONDE FICA DENTRO DA CIDADE."

Fábio Cardoso

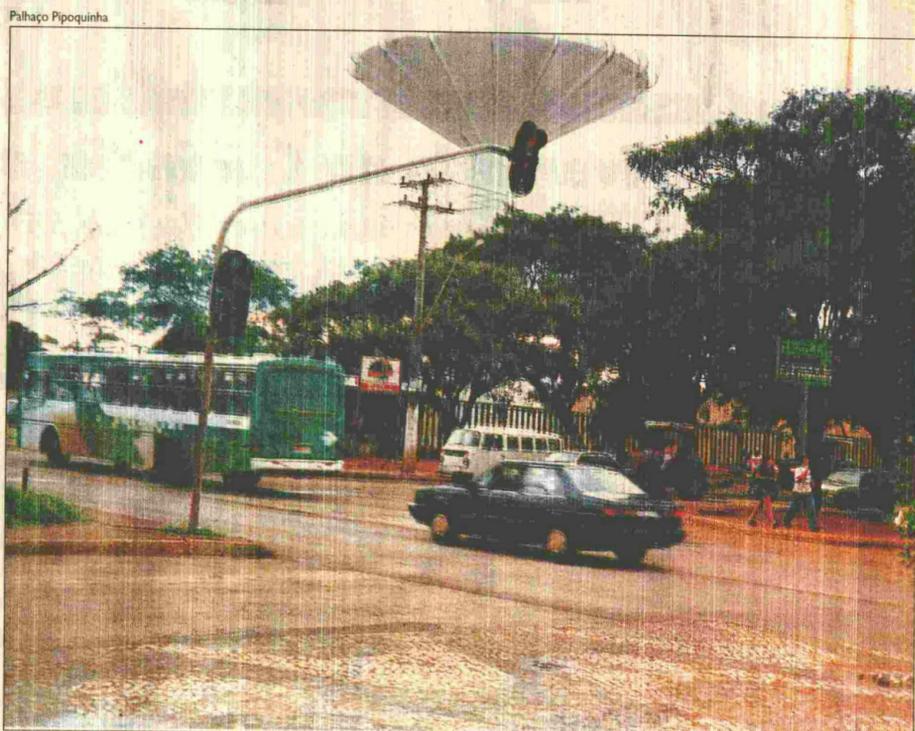


Maria Gleibe Alves de Faria, 36 anos, sempre gostou de criança. Mora em Ceilândia desde 1974 e ali se realizou como professora e mãe. Assumiu a direção da Casa da Criança Ana Maria Ribeiro (Criamar) há quase dois anos, trabalho de assistência criado pela sogra, Maria dos Anjos Faria. O trabalho com crianças carentes é sua motivação.



"EU VIVO COM AS CRIANÇAS, ELAS SÃO O QUE HÁ DE MELHOR NA CIDADE. NÃO TEM NADA MELHOR NA VIDA PARA ANIMAR, AJUDAR E DAR SENTIDO. TRABALHAR PARA TIRAR AS CRIANÇAS DAS RUAS É UM OBJETIVO DE VIDA E ELAS É QUE FAZEM QUALQUER LUGAR BOM DE SE VIVER."

Maria Gleibe Alves de Faria



O pipoqueiro Jurandir Pereira dos Santos, 36 anos, veste-se de palhaço há nove para atrair compradores e divertir as crianças. Morando há 15 anos em Ceilândia, vindo do Piauí, conhece bem as ruas da cidade e as pessoas que moram nela. Diz que Ceilândia mudou, está ficando bonita. As pedras portuguesas no canteiro central da Avenida Hélio Prates estão deixando o centro, coroado pela caixa d'água, com cara de cidade grande.



"A CAIXA D'ÁGUA SEMPRE FOI NOSSO SÍMBOLO, DESDE O INÍCIO. NINGUÉM PENSAVA QUE CEILÂNDIA IA SE DESENVOLVER TANTO. O CENTRO DA CIDADE SE TORNOU UM LUGAR BOM PARA TRABALHAR, É AQUI QUE GANHO A VIDA."

Jurandir Pereira dos Santos